

**QUE AUSCHWITZ NÃO
SE REPITA: a educação
contra a frieza na
primeira infância**

THAT AUSCHWITZ DOES NOT
REPEAT: education against grief in
first childhood

QUE AUSCHWITZ NO SE REPITA:
la educación contra la frieza en la
primera infancia

Tatiana Koschelny Pereira^{1, 2}

RESUMO

O artigo parte da consideração de que a história da humanidade carrega a marca da violência e de que o debate educacional carece de significado perante a violência. Fundamenta-se nas considerações de alguns autores da Teoria Crítica a fim de buscar a compreensão da exigência de meta educacional: que Auschwitz não se repita, proposta pelo pensador Theodor Adorno, que discute o percurso histórico da civilização em seu movimento contraditório de continuidade e ruptura, apontando que o progresso foi objetivamente tomado como parte de um processo social regressivo. Assim, defende que o trabalho de investigação da experiência formativa na primeira infância desponta como

¹ Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP. Especialista em Psicologia Hospitalar em Hospital Geral (HCFMUSP). Possui graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009) e pós-graduação Especialização e Aprimoramento Profissional em Psicologia Hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo. E-mail: tatianapereira@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 255 - Cerqueira César, São Paulo - SP, CEP: 05403-000, Brasil.

possibilidade de resistência ante à dominação. Conclui, com base no referencial teórico adotado, que por meio da educação e do esclarecimento numa perspectiva crítica produzir-se-ia uma educação contra a frieza, que carregue em si os germes de um projeto de emancipação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; perspectiva crítica; formação.

ABSTRACT

The article starts from the consideration that the history of humanity bears the mark of violence and that the educational debate lacks meaning in the face of violence. It is based on the considerations of some authors of the Critical Theory in order to seek the understanding of the requirement of an educational goal: that Auschwitz is not repeated, proposed by the thinker Theodor Adorno, who discusses the historical course of civilization in its contradictory movement of continuity and rupture, pointing out that progress has been objectively taken as part of a regressive social process. Thus, he argues that the research work of formative experience in early childhood emerges as a possibility of resistance to domination. It concludes, based on the theoretical framework adopted, that through education and enlightenment in a critical perspective an education against coldness would be carried out, carrying the germs of a project of human emancipation.

KEYWORDS: Violence; critical perspective; formation.

RESUMEN

El artículo parte de la consideración de que la historia de la humanidad lleva la marca de la violencia y de que el debate educativo carece de significado ante la violencia. Se fundamenta en las consideraciones de algunos autores de la Teoría Crítica a fin de buscar la comprensión de la exigencia de meta educativa: que Auschwitz no se repita, propuesta por el pensador Theodor Adorno, que discute el recorrido histórico de la civilización en su movimiento contradictorio de continuidad y ruptura, apuntando que el progreso fue objetivamente tomado como parte de un proceso social regresivo. Así, defiende que el trabajo de



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 2, Abril-Junho. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p500>

investigación de la experiencia formativa en la primera infancia despunta como posibilidad de resistencia ante la dominación. Concluye, con base en el referencial teórico adoptado, que por medio de la educación y del esclarecimiento en una perspectiva crítica se produciría una educación contra la frialdad, que cargue en sí los gérmenes de un proyecto de emancipación humana.

PALABRAS CLAVE: Violencia; perspectiva crítica; entrenamiento.

Recebido em: 17.09.2017. Aceito em: 09.12.2017. Publicado em: 01.04.2018.

Teoria Crítica e Violência

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. (ADORNO, 2006, p.119)

A história da humanidade carrega a marca da violência e qualquer debate educacional carece de significado perante a violência. Uma vez que Auschwitz é considerada a indescritível máxima expressão de violência do último século e, é expressão da relação do indivíduo e sociedade, se faz necessário uma teoria social sobre esta relação considerada dentro do movimento histórico. Neste artigo serão feitas considerações de alguns autores da Teoria Crítica a fim de buscar a compreensão da exigência de meta educacional: que Auschwitz não se repita.

Ao longo de suas obras, o pensador Theodor Adorno discute o percurso histórico da civilização em seu movimento contraditório de continuidade e ruptura, no qual o progresso foi objetivamente tomado como parte de um processo social regressivo. Ancorado no conhecimento proporcionado por Freud de que "a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório" (ADORNO, 2006, p.119), Adorno fornece elementos que esclarecem os pressupostos objetivos da regressão à barbárie. Em sua análise do movimento histórico, a pressão civilizatória que se dirige contra o

indivíduo multiplicou-se em uma escala insuportável, sobrepondo-se ao indivíduo de tal forma que gera a violência contra a própria civilização.

Em seu texto “Educação após Auschwitz”, Adorno (2006) afirma que, a exigência de que Auschwitz não se repita como a grande meta educacional não se refere a uma possível ameaça de regressão à barbárie, uma vez que “Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão” (p.119). Adorno aponta para o fato de que a repetição de fenômenos de barbárie em sua máxima expressão, tal como foi Auschwitz, dependeria do estado de consciência ou de inconsciência dos indivíduos sobre o elemento desesperador da barbárie presente no próprio princípio civilizatório. Segundo o autor, as explicações teóricas sobre a violência que ignoram o processo social regressivo da humanidade e, que ‘psicologizam’ as origens da violência a partir de características individuais, não fazem outra coisa que reiterar as condições para a barbárie.

A formação para a barbárie no mundo administrado: educação para a frieza

A cultura carrega em si o elemento de crítica do modo de organização da vida social. Embora ela seja determinada pela base material, a cultura também pode resguardar em si a negação e transcendência desta base, ao produzir experiências de alienação da alienação social. Compreender as possibilidades de transcendência e crítica da cultura no atual movimento histórico se faz necessário para a constituição de uma práxis educacional.

Segundo Adorno, a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva constitui a experiência formativa dos sujeitos. No âmbito da experiência formativa no mundo administrado, a pressão civilizatória expressa-se como educação para a frieza, em uma sensibilidade esvaecida. Deste modo, a cultura é tomada como formação para a adesão ao processo regressivo da humanidade, inerente à racionalidade técnica: racionalidade destituída de seu elemento reflexivo e da busca da preservação da vida. Tal racionalidade reduzida aos procedimentos gera a frieza, característica da barbárie, nos modos de organização da vida social. Frieza que reitera-se nos indivíduos por meio da formação cultural no mundo administrado: a pseudoformação.

Adorno em seu texto “Teoria da semicultura” (1996) analisa a crise da formação cultural a partir do movimento social e do próprio conceito de formação cultural. Adorno comenta o ideal de formação cultural burguês de emancipação dos homens:

O conceito de formação emancipou-se com a burguesia [...] A formação tornou-se objeto de reflexão e consciente de si mesma, foi devolvida purificada aos homens. Sua realização haveria de corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais [...] A formação devia ser aquela que dissesse respeito, de uma maneira pura como seu próprio espírito, ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. (ADORNO, 1996, p. 391/392)

Em sua análise, Adorno aponta para o fato de que o interesse social burguês no princípio de dominação sobrepôs-se historicamente à formação cultural em sua finalidade, na forma de diferenças econômicas e desigualdades sociais, tornando a formação cultural em falsa consciência.

Nos moldes da pseudoformação, a cultura tomada como um valor em si mesmo, absolutizada em si como cultura espiritual resulta na separação entre práxis e cultura, tornando-a ideologia. Assim como, a cultura tomada como adaptação (desfazer as tensões sociais a fim de manter a unidade precária da socialização) pressiona sobre os homens uma hegemonia unilateral de elementos culturais aprovados e, resulta numa educação para a frieza. A cultura torna-se orientada para a barbárie. (ADORNO, 1996)

Segundo Adorno (1996), a hegemonia unilateral de elementos culturais aprovados testemunha que “no lugar da autoridade da Bíblia, instaura-se a do domínio dos esportes, da televisão e das ‘histórias reais’, que se apoiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva” (p.393), de modo que “a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra” (p.393). A cooptação dos homens nesta hegemonia se dá pelo véu da integração nas categorias de consumo e seu onipotente princípio de troca. Pela via da gratificação, os homens são enfeitiçados em seu espírito. “Nada retém o espírito, então, para um contato corporal com as ideias” (p. 397). Tal hegemonia marca o poder da totalidade sobre os indivíduos, totalidade que não admite o singular. “Nada com o qual, sob certa proteção, pudesse identificar-se de alguma forma, nada sobre o qual pudesse formar-se em sua razão propriamente dita” (ADORNO, 1996, p.396).

A valorização unilateral da cultura em seu caráter adaptativo suprime a singularidade em prol do coletivo. A imposição adaptativa por meio das vias de gratificação do consumo produz falsa consciência de liberdade nos homens. O onipotente princípio de troca do consumo exime qualquer traço de singularidade e, impede o processo de diferenciação dos indivíduos. “No entanto, como formação cultural e diferenciação se equivalem, se se eliminam

os momentos de diferenciação – cuja origem é social e que constituem a formação – em seu lugar aparece um sucedâneo” (ADORNO, 1996, p. 400).

Sujeitos indiferenciados não podem suportar sinais de diferenciação, uma vez que a marca do singular é ameaça ao tão custoso sacrifício de adaptação. “O semiculto dedica-se à conservação de si mesmo sem si mesmo” (Adorno, 1996, p. 405). A adaptação e a conservação de si no mundo administrado requer um pagamento: a frieza. A conformação à frieza impede a educação contra a agressão e, gera tendências regressivas sempre direcionadas às expressões de alteridade na cultura.

Educação para a frieza: aspectos psicológicos

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo [...] É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos (ADORNO, 2006, p.121)

Adorno (2006) argumenta sobre a necessidade de se referir às dimensões psicológicas que sustentam a frieza uma vez que as outras dimensões escapam à ação da educação em grande medida - posto que tal fenômeno tem suas determinações sociais no movimento histórico da humanidade.

A ausência de consciência esclarecida sobre a própria frieza no aspecto subjetivo relaciona-se com o movimento histórico do esclarecimento (discutido

por Adorno e Horkheimer na obra "Dialética do Esclarecimento"), em sua tendência social de recusa do reconhecimento do elemento anticivilizatório presente no próprio princípio civilizador. Tal recusa em seu aspecto subjetivo gera indivíduos com traços sádicos reprimidos e, fortemente propícios às tendências regressivas que dão lugar à barbárie.

Adorno (2006) atenta para o fato de que as restrições à frieza, uma vez geradas por mediações externas aos indivíduos, não têm eficácia e atuam ilusoriamente contra a barbárie. Ao sofrer o apelo a vínculos de compromisso, a fim de deter "o que é sádico, destrutivo, desagregador, mediante um enfático 'não deves'" (p.124), tais indivíduos não experienciam as restrições à frieza como escolha consciente de si mesma, pelo contrário, como dependência de mandamentos e normas. A consciência esclarecida sobre si mesma se daria como consciência esclarecida sobre a própria frieza e sobre as condições que a geram. Desta maneira, "o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, para usar a expressão kantiana: o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação" (p.125).

O indivíduo que restringe a frieza devido mediações externas tais como imperativos morais e vínculos de compromisso com a autoridade, apresenta-se como o sujeito ideal ao poder cego de todos os coletivos. Nestes, as tendências regressivas ganham forças imensuráveis eclodindo em uma raivosa rebelião violenta e irracional contra a civilização. (ADORNO, 2006)

Nesta regressão à barbárie, tudo aquilo que carrega a marca do particular, do singular, do individual, ganha status de fraqueza e passa a ser considerado como o inimigo a ser eliminado. E tal fraqueza passa a ser eliminada a qualquer custo pelo agressor devido sua própria frieza. Esta violência irracional contra as formas do particular – do individual, do

aparentemente feliz e, fraco - demonstra que o agressor é sujeito sem consciência de si, pois, ao eliminar tudo aquilo que considera como fraqueza testifica sobre sua própria fraqueza perante o coletivo. O agressor busca destruir a fraqueza no outro a fim de eliminar a fraqueza que há em si mesmo. Ou seja, ao buscar destruir todo sinal de fraqueza identificada no outro com vista de destruição deste outro, o agressor contraditoriamente denuncia a violência exercida sobre sua própria individualidade. Sem ter consciência de tal fato, ao exercer a agressão irracional contra o fraco, o agressor estaria denunciando historicamente a violência em suas mediações sociais, exercida em sua própria experiência formativa. Experiência formativa na qual gerou-se a frieza com tudo aquilo que o agressor teve de abdicar em si mesmo, em prol de sua sobrevivência e adaptação, de sua inclusão no coletivo. (ADORNO, 2006)

Adorno (2006) afirma que ao eliminar nos sujeitos tudo aquilo que se refere ao particular, ao individual, ao singular, o potencial de resistência é juntamente eliminado, uma vez que nestes sujeitos a consciência carrega a marca da heteronomia.

Portanto a educação voltada contra a frieza - em suas condições objetivas e em seu esclarecimento de si mesma - torna-se a grande meta educacional em direção a qual todas as outras metas educacionais precisam buscar significado e sentido.

Educação para a frieza: primeira infância

A construção da experiência do mundo pela criança, as repressões sofridas e a conseqüente moldagem da consciência infantil são discutidas no fragmento "Sobre a Gênese da Burrice", do livro *Dialética do Esclarecimento* (Horkheimer; Adorno, 1985). Os autores atentam para o fato de que a vida

intelectual em seus começos é infinitamente delicada, ao passo que as resistências impostas a esta podem gerar, através do medo, um “atrofiamento dos músculos” – uma repressão e inibição das possibilidades de experiência do mundo, que em um primeiro momento “tem por trás de si a boa vontade, a frágil esperança, mas nenhuma energia constante.” (p.239). E assim, as resistências impostas, ao desviarem os indivíduos da direção que querem tomar geram timidez e burrice. Segundo Adorno & Horkheimer (1985):

A burrice é uma cicatriz. Ela pode se referir a um tipo de desempenho entre outros, ou a todos, práticos e intelectuais. Toda burrice parcial de uma pessoa designa um lugar em que o jogo dos músculos foi, em vez de favorecido, inibido no momento do despertar. Com a inibição, teve início a inútil repetição de tentativas desorganizadas e desajeitadas. As perguntas sem fim da criança já são sinais de uma dor secreta, de uma primeira questão para a qual não encontrou resposta e que não sabe formular corretamente [...] Se as repetições já se reduziram na criança, ou se a inibição foi excessivamente brutal, a atenção pode se voltar numa outra direção, a criança ficou mais rica de experiências, como se diz, mas frequentemente, no lugar onde o desejo foi atingido, fica uma cicatriz imperceptível, um pequeno enrijecimento, onde a superfície ficou insensível. Essas cicatrizes constituem deformações. Elas podem criar caracteres, duros e capazes, podem tornar as pessoas burras – no sentido de uma manifestação de deficiência, da cegueira e da impotência, quando ficam apenas estagnadas, no sentido da maldade, da teimosia e do fanatismo, quando desenvolvem um câncer em seu interior. A violência sofrida transforma a boa vontade em má. E não apenas a pergunta proibida, mas também a condenação da imitação, do choro, da brincadeira arriscada, assim também as etapas intelectuais no interior do gênero humano e até mesmo os pontos cegos no interior de um indivíduo designam as etapas em que a esperança se imobilizou e que são o testemunho petrificado do fato de que todo ser vivo se encontra sob uma força que o domina (p.240).”

A violência sofrida transforma a boa vontade em má. No documentário francês “A infância sob controle” realizado por Marie-Pierre Jaury e lançado em 2009, são apresentadas ao público as crescentes investigações científicas acerca do fenômeno da violência e da delinquência com base em origens na infância.

Tais pesquisas têm como objetivo comum explicar a delinquência em termos genéticos e biológicos, a fim de prever a violência adulta na forma de prognósticos individuais. A cena de abertura do filme refere-se à constatação de diversos cientistas de que a delinquência teria suas origens já na primeira infância.

Com base em uma psicopatologia infantil carregada de transtornos de conduta e patologias mentais, as crianças retratadas no documentário são submetidas a diferentes testes que supostamente buscam compreender as origens da violência manifestada nelas. Nesses testes, as crianças e adolescentes sofrem sucessivamente apelos à frieza: submetem-se aos jogos competitivos com resultados viciados (sem que saibam do vício dos resultados), de forma que sempre não de perder a competição. Em um dos testes, além do resultado viciado para a perda, do qual o sujeito testado não tem consciência, há a intervenção programada de um ator que, ao fingir ser o rival, humilha com provocações e falas de rebaixamentos o sujeito submetido ao teste. Além disto, jogos de videogames com conteúdo de violência são propostos como formas de avaliação da violência individual. Elementos como postura corporal, reações gestuais, entonação de fala, batimentos cardíacos e pressão arterial, níveis hormonais de cortisona, dentre outros, são utilizados como critérios de averiguação nos testes, de um indício de potencial perfil violento. Estes testes e investigações ao reproduzir o apelo à frieza geram os resultados que se propõe a detectar. Portanto, não esclarecem as condições que geram a frieza, de forma que reiteram e retificam as suposições e hipóteses da 'patologização' individual, do fenômeno que supostamente pretendiam explicar. Desta maneira são classificadas como não-patológico, as crianças e adolescentes que não reagem às situações frustrantes como sujeitos dotados de certa sensibilidade e de

desejo. No documentário, tanto as crianças que recebem os diagnósticos psicopatológicos, tanto as crianças ditas 'normais', são todas elas crianças e adolescentes alienadas da consciência de sua própria frieza e das condições sociais que a gera. Ao final do documentário, é apresentada a fala de um intelectual que remonta tais tentativas de 'patologização' de fenômenos sociais à recente expressão máxima da barbárie na história da humanidade: que Auschwitz não se repita.

Adorno (2006) afirma que "em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência" (p.127).

O elogiado objetivo de 'ser duro' de uma tal educação significa a indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. (ADORNO, 2006, p.128)

A severidade como ideal, presente na educação infantil, manifesta-se também pela constante violência e condenações exercidas sobre a curiosidade e a expressão infantil, como apresentado por Adorno & Horkheimer (1985) no fragmento "Sobre a Gênese da Burrice". Tal severidade, seja na exigência de suportar a dor ou seja pela violência exercida sobre a curiosidade e a expressão infantil, é marca da educação para a frieza.

Devido à frieza, alguns indivíduos assumem um caráter manipulador marcado por uma fúria organizativa, uma incapacidade total de efetivamente realizar experiências humanas diretas e um certo tipo de ausência de emoções. (ADORNO, 2006). Tais fatos se assemelham em larga escala às práticas

educacionais infantis fortemente difundidas na atualidade, regidas sob a máxima de um *slogan* sobre competência e eficiência. Constata-se como regra geral entre as escolas infantis de “excelência”, múltiplas atividades sobrepostas em uma fúria organizativa. Nesta fúria organizativa de atividades, as crianças são impedidas de realizar experiências e de poder expressar suas mais diversas e contraditórias emoções, a fim de reconhecer a própria frieza. Na lógica da competência viril, as escolas apelam para seu diferencial tecnológico dentre as práticas pedagógicas: o uso das mais modernas tecnologias eletrônicas. “I like nice equipment (Eu gosto de equipamentos, de instrumentos bonitos), independentemente dos equipamentos em questão” (ADORNO, 2006, p.133). Não é difícil encontrar nos dias atuais alguma criança que relate seu fetichismo tecnológico, ligada libidinalmente à técnica e às coisas. No apelo educacional à tecnologia, a técnica como um meio para a autoconservação da espécie humana fica alienada de sua finalidade de autoconservação. E mais uma vez, as condições que geram a frieza ficam encobertas e desconectadas da consciência das pessoas. (ADORNO, 2006).

Educação contra a frieza: a primeira infância

Walter Benjamin (1984) em seu livro “Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação” contrapõe à educação para a frieza uma proposta de educação reflexiva, que consiste em “garantir às crianças a plenitude de sua infância” (p.14). A plenitude da infância se realizaria na experiência do mundo pela criança a seus próprios moldes, ao levar em consideração as especificidades da vida infantil e juvenil - a possibilidade da experiência do mundo em um terreno objetivo, o qual permita as expressões e escolhas infantis.

Se as crianças devem transformar-se em homens completos, então não podemos esconder delas nada que seja humano. Sua própria inocência providencia espontaneamente todas as restrições e mais tarde, quando essas se ampliarem aos poucos, o novo encontrará personalidades já preparadas. O fato de que os pequeninos riem de tudo, mesmo dos reversos da vida, é consequência de uma esplêndida expansão de uma alegria que irradia sobre tudo, até sobre as zonas mais sombrias e tristes. (MYNONA apud BENJAMIN, 1984, p.65)

Não podemos esconder das crianças nada do que seja humano. Não podemos esconder das crianças sua própria frieza, como forma de recusa da frieza que há em nós. Mais uma vez, Adorno (2006):

Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido. (p.129)

O medo de que Auschwitz se repita não pode se tornar silêncio a respeito de Auschwitz, em recusa do reconhecimento de nossa própria frieza. Adorno (2006) supõe que se há algo que possa nos ajudar contra a frieza como condição da desgraça, seria o conhecimento dos pressupostos da frieza e a tentativa de trabalhar contra tais pressupostos no âmbito objetivo e subjetivo de maneira prévia. Desta forma, Adorno (2006) apostaria de que há maiores chances de uma certa profilaxia contra a frieza quanto mais cedo e quanto menos se erra na educação infantil.

Considerações finais

Mas diante de toda esta força opressiva do mundo administrado será que o indivíduo responde passivamente? E suas resistências? Terá o homem abandonado sua própria humanidade e aceitado sem resistência dominar-se e iludir-se por meios tão falsos e mentirosos?

Será impossível a qualquer indivíduo a experiência da dominação que sofre? (RAMOS, 2004, pag. 101)

O pensamento de Adorno (2006) carrega a tensão dialética entre adaptação e resistência. Sua crítica expressada como investigação de limites não isenta a si mesma – Adorno não desconsidera as dificuldades e ilusões que possam haver no trabalho de uma educação infantil voltada contra a frieza. Entretanto, “de qualquer modo, haveria que mostrar as possibilidades concretas de resistência” (p.136).

Portanto, o trabalho de investigação da experiência formativa na primeira infância desponta como possibilidade de resistência ante à dominação. Mediante a educação e o esclarecimento sobre a educação para a frieza produzir-se-ia uma educação contra a frieza, que carregue em si os germes de um projeto de emancipação humana.

Referências:

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. **Educação & Sociedade**: revista quadrimestral de ciência da educação. Campinas, ano XVII, n. 56, out./dez. 1996, p.388-411.

_____. Educação após Auschwitz. ____ In: **Educação e Emancipação**. 4ª. edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Sobre a Gênese da Burrice. In: **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.239-240.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

RAMOS, C. **A dominação do corpo no mundo administrado**. São Paulo: Escuta, 2004.